



A remediação da poesia para crianças e o “lugar vazio” do texto: uma reflexão a partir da antologia digital tear poético

The remediation of children's poetry and 'the empty space' in the text: a reflection based on the digital anthology 'tear poético'

Jaqueline Conte^a

^a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – jqconte@gmail.com

Resumo: A ideia de uma obra literária para crianças ser transposta do meio impresso para o digital, num processo que Bolter e Grusin denominam “remediação” (BOLTER E GRUSIN, 2000), não raro suscita críticas de agentes do próprio ecossistema educativo-literário. Isso porque, utilizando-se dos recursos próprios do meio digital, poderia, supostamente, reduzir a capacidade imaginativa daquele leitor, uma vez que preencheria, a priori, com imagens, sons e recursos interativos, por exemplo, as lacunas deixadas pelo texto escrito; lacunas que deveriam ser supridas pelo próprio leitor, dentro de sua experiência de vida e capacidade leitora. Neste artigo, que convoca o conceito de “lugar vazio” teorizado por Iser (ISER, 1999), busca-se pensar as obras de literatura digital para os mais novos como oportunidades para a ampliação da leitura, ao invés de seu fechamento, a partir da análise de remediações de poemas brasileiros e portugueses realizadas para o site Tear Poético, antologia digital desenvolvida por CONTE (2025), disponível no endereço: www.tearpoetico.net.

Palavras-chave: Literatura digital para crianças. Poesia infantil brasileira e portuguesa. Materialidades da Literatura. Remediação literária. Wolfgang Iser.

Abstract: The idea of transposing a literary work for children from print to digital media, in a process that Bolter and Grusin call “remediation” (BOLTER AND GRUSIN, 2000), often draws criticism from agents within the educational-literary ecosystem itself. This is because, by using the resources specific to the digital medium, it could supposedly reduce the reader's imaginative capacity, since it would, a priori, fill in the gaps left by the written text with images, sounds and interactive resources, for example; gaps that should be filled in by the reader themselves, based on their life experience and reading ability. In this article, which draws on the concept of the ‘empty space’ theorised by Iser (ISER, 1999), we seek to consider works of digital literature for young people as opportunities to expand reading, rather than limit it, based on an analysis of remediations of Brazilian and Portuguese poems carried out for the Tear Poético website, a digital anthology developed by CONTE (2025), available at: www.tearpoetico.net.

Keywords: Digital literature for children. Brazilian and Portuguese children's poetry. Materialities of Literature. Literary remediation. Wolfgang Iser.

Introdução

A literatura infantil digital, quando promove a remediação de uma obra previamente publicada no meio impresso, não raro, é criticada dentro do próprio ecossistema educativo-literário por supostamente preencher as lacunas deixadas pelo texto escrito. Lacunas que deveriam ser supridas pelo próprio leitor, dentro de sua experiência de vida e capacidade leitora, mas que seriam alegadamente preenchidas, *a priori*, pelos recursos próprios do novo meio, com as suas diferentes linguagens (visual, sonora, interativa, hipermidiática, etc).

Neste artigo, que invoca o conceito de “lugar vazio” preconizado por Iser (ISER, 1999), busca-se pensar os produtos/obras de literatura digital para os mais novos como oportunidades para a ampliação da leitura, ao invés de seu fechamento, a partir da análise de duas remediações de poemas brasileiros e portugueses realizadas para o *site Tear Poético*.

Para isso, considera-se a remediação (*remediation*), sobretudo, em sua definição clássica, forjada por Bolter e Grusin (BOLTER; GRUSIN, 2000), como o processo pelo qual uma nova mídia ou meio de comunicação representa, remodela ou renova mídias anteriores; a criação de uma nova forma de mídia a partir de mídias já existentes. No caso que passaremos a analisar, o *Tear Poético* remedeia os poemas anteriormente publicados em livros impressos, mas não só. Transpondo os poemas para outro meio e criando soluções para sua apresentação e fruição dentro de nova lógica e estrutura, o *site* remedeia o próprio gênero ou formato editorial “antologia de poesia”, quando se apresenta como uma antologia digital multimodal interativa.

O Tear Poético

Resultante do projeto de doutoramento em Materialidades da Literatura, desenvolvido na Universidade de Coimbra, pela jornalista, poeta e pesquisadora Jaqueline Conte¹, o *site Tear Poético* foi disponibilizado em 2025, tendo sido divulgado fora do ambiente acadêmico a partir da defesa da tese, em abril de 2026. Disponível no endereço eletrônico www.tearpoetico.net, trata-se de uma antologia digital, multimodal, hipermediática e interativa, pensada prioritariamente para crianças dos 6 aos 12 anos, bem como para mediadores de leitura. Foi desenvolvida a partir da colaboração de mais de uma centena de profissionais, entre os autores e/ou seus herdeiros, ilustradores, músicos, fotógrafos, narradores, contadores de histórias, designers e webdesigners. O objetivo da idealizadora e curadora, para além de promover a literacia digital de crianças falantes da língua portuguesa, era reforçar o vínculo cultural entre Brasil e Portugal, contribuindo para a diversificação do repertório literário das crianças e a percepção afetiva das diferenças, materializadas sobretudo no destaque dado aos diferentes sotaques.

De acesso livre, o *site* apresenta 43 poemas: sendo um texto inédito, de apresentação, escrito por Conte, mas não assinado no site; e outros 42 poemas: 20 de autores brasileiros, 20 de autores portugueses e dois, de autoria de Sidónio Muralha, escritor português, que também viveu e produziu no Brasil. São poetas canônicos e não canônicos, alguns já falecidos, outros muito contemporâneos, que produziram e publicaram a partir da década de 50 do século XX (quando já se percebem algumas produções um pouco mais livres do ufanismo e da “obrigação” de transmitir às crianças valores éticos e morais pela poesia). A rigorosa

¹ Orientado pelos professores Ana Maria e Silva Machado (Universidade de Coimbra) e Edgar Roberto Kirchof (Universidade de Caxias do Sul). Para a conclusão da pesquisa, a investigadora recebeu bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), do Governo de Portugal (<https://doi.org/10.54499/2021.08183.BD>)

seleção de poemas tem como premissa a qualidade estética das obras e, como base, não só a paridade entre poetas portugueses e brasileiros, mas entre autoria feminina e masculina. Também considera as raízes dos escritores, com as presenças negra, indígena e de autores naturalizados nos dois países, que produziram ou produzem no Brasil ou em Portugal, mas que nasceram em outras partes do globo. O *site* ainda promove a diversidade pelas formas e construções poéticas, à medida que apresenta haicais, quadrinhas, cordel, limerique, tangalomango, lenga-lenga, ladainha e poemas em versos livres.



Fig. 1 – Detalhe da página inicial do site, com o menu e o início do poema de apresentação

O *site* é dividido em quatro seções principais (fig. 1), disponíveis no menu visível no topo da página inicial. “Sobre o Tear” explica a proposta, a forma de navegação e questões de segurança e privacidade; e também dá acesso à biografia dos poetas, à lista de parceiros do projeto e à tese². Na seção “Poetas”, há duas maneiras de se conhecer a biografia dos escritores: o “Mapa Interativo dos Autores”, por meio do qual se pode navegar por um mapa geolocalizado pela cidade de nascimento dos poetas, desenvolvido a partir da ferramenta StoryMap, disponibilizada pelo Knight Lab, da

² O *link* para a tese ainda não havia sido disponibilizado até a submissão deste artigo.

Northwestern University; e pelo link “Os Poetas”. Nos dois casos, são apresentados: fotos dos autores, o local e a data de nascimento e morte (quando falecidos), a biografia (em geral, a disponibilizada na Wikipedia), além de um *link* de acesso direto ao poema do autor ou autora no *Tear Poético*. Na seção “Poemas” (fig. 2), um detalhe da imagem ilustrativa de cada poema leva o leitor ao respectivo texto. É um sumário visual, que permite à criança lembrar facilmente dos poemas que já leu ou que ainda não conheceu. Por fim, na seção “Meu Poema”, o leitor é convidado a criar seu próprio texto (analogicamente, em papel), inspirado pelas “palavras-links” que usou no seu caminho de navegação ou por outros substantivos retirados do *corpus* de poemas da antologia. Com a ferramenta “Máquina de Palavras”, a cada clique aparecem dez novas palavras como sugestão para a possível produção textual.



Fig. 2 – Detalhe da seção “Poemas”, com os textos indicados por um menu visual

As seções acima mencionadas são *links* diretos de exploração do *site*, mas a navegação indicada na página inicial sugere explorar o *Tear Poético* por quatro caminhos de leitura, identificados pelas palavras “Magnólia”, “Mar”, “Recados” e “Linhas” (fig. 3). Em cada um dos percursos, além do poema

de apresentação, pode-se conhecer sete outros poemas, de poetas dos dois países, sendo oportunizados cinco momentos de escolha. Em cada um deles, o leitor pode entrar em determinadas palavras destacadas no texto, que o levarão, cada qual, a um poema diferente. No final dos percursos (nos oito poemas de final de linha), é possível voltar à página inicial para selecionar novo trajeto; escolher diretamente um dos poemas; ou acessar a área “Meu Poema”.



Fig. 3 – Detalhe da página inicial, com os quatro percursos de navegação sugeridos

A lógica de apresentação dos 42 poemas (exceto do 43º, o de apresentação) é a seguinte: sempre aparece o texto verbal do poema primeiro, seguido pelos dados bibliográficos da obra de origem (autor, livro, local, editora, data de publicação). Depois, o clique em uma seta leva à página de remediação, onde estão as criações multimodais feitas a partir do texto. Há sempre pelo menos dois áudios do poema, na voz de uma pessoa brasileira e de uma portuguesa (sempre um homem e uma mulher) e, quando possível, também o áudio do próprio autor declamando o poema. No caso dos dois poemas de Sidónio Muralha, além dos dois áudios principais, há outras 14 gravações: sete com sotaques portugueses, de diferentes regiões, e sete com sotaques brasileiros. Além dos áudios,

há, ainda, pelo menos mais uma criação artística – audiovisual, de imagem, música ou jogo interativo – que pode ser uma animação, uma ilustração em quadrinhos/banda desenhada, um jogo de memória ou de quebra-cabeça, uma canção (grande parte, produções originais para o *Tear Poético*), entre outras produções. Após explorar essa área, uma seta leva o leitor novamente ao texto do poema, mas, desta vez, há uma ou duas palavras em destaque. O termo escolhido leva a outro poema: uma palavra conduz a um texto de autor brasileiro e, a outra, a de um de autor português, seguindo-se, então, a mesma lógica de navegação³.

Os poetas e poemas selecionados para o *Tear Poético* foram os seguintes: Portugueses: Alice Gomes (“Glacial”), Alice Vieira (“Coisas que não prestam”), Álvaro Magalhães (“Lamento do girassol contrariado”), António Mota (“Eu tinha dez pintainhos”), Eugénio de Andrade (“Não quero, não”), João Manuel Ribeiro (“Pelo muro acima e abaixo”), João Pedro Méseder (“Palavra que voa – papagaio”), Jorge Sousa Braga (“O vento”), José Jorge Letria (“O pirilampo”), Luísa Ducla Soares (“Quanto custa”), Manuel António Pina (“O avião interior”), Manuela Leitão (“Cuco-canoro”), Margarida Mestre (“No corpo acontece”), Maria Alberta Menéres (“Na toca”), Maria Judite de Carvalho (“Os óculos”), Matilde Rosa Araújo (“Ladainha da aranha”), Nuno Higinio (“Ramo de Cerejas”), Souto Moniz (“Raid aéreo”), Vergílio Alberto Vieira (“A bengala de castão”) e Violeta Figueredo (“O cesteiro aritmético”).

Brasileiros: Alice Ruiz (“Manhã de primavera...”, poema sem título), Alvaro Posselt (“Um som vespertino...”, poema sem título), Ângela Leite de Souza (“Quatro Cantos”), Auritha Tabajara (“É um costume da aldeia...”, poema sem título), Edimilson de Almeida Pereira (“Dindi”), Elias José

³ Os poemas proporcionam várias leituras, em função das diferentes camadas propiciadas pelas mediações. O primeiro contato é com a materialidade verbal original, o texto escrito, mas agora na tela; depois vem o texto lido por uma voz portuguesa e outra brasileira (e, muitas vezes, pelo próprio autor), e só depois se apresenta o vídeo, o jogo, a interação. O leitor é exposto, assim, a diferentes propostas remediais, cada uma das quais promovendo uma percepção diversa.

(“Fotografias”), Gláucia de Souza (“Pé de anjo”), Gloria Kirinus (“Sacode....”, poema sem título), José Paulo Paes (“Vida de sapo”), Leo Cunha (“Lobo”), Madu Costa (“Lua cheia”), Manoel de Barros (“Sabastião”), Marco Haurélio (“O corvo e a raposa”), Marina Colasanti (“Visita meio esquisita”), Mario Quintana (“Coisas Numeradas”), Marta Lagarta (“De cabeça pra baixo”), Ricardo Azevedo (“Barulhada”), Roseana Murray (“Horizonte”), Sérgio Capparelli (“De muito longe”), Tatiana Belinky (“Com esse nariz de tucano...”, poema sem título).

Completando os 42 poemas selecionados, “Falar à toa” e “O gavião”, os dois de Sidónio Muralha; cada qual de passagem obrigatória em duas das quatro linhas de navegação.

Os poemas, anteriormente publicados em meio impresso, ganharam, assim, a possibilidade de explorar outros códigos e sistemas de signos, de acordo com a forma como foram remediados: as mídias e os recursos utilizados, os diferentes estilos dos ilustradores (36 profissionais diferentes, também brasileiros e portugueses, e com estilos diversos), a sonorização, a edição e a montagem.

A pergunta que se apresenta aqui é: o resultado desse processo de remediação reduz a potência dos poemas originais ou pode comprometer a liberdade do leitor criança, de fazer a sua própria leitura do texto? Para se chegar a uma resposta mais acertada, seria produtiva a realização de uma pesquisa de recepção com o público infantil. Neste momento, no entanto, propõe-se apenas estabelecer algumas reflexões a partir da teoria de Iser.

A remediação e o “lugar vazio”

Em sua obra clássica da Teoria da Recepção, “O ato da leitura: uma teoria do efeito estético” (ISER, 1999), Wolfgang Iser apresenta a ideia de “lugar

vazio”: lacuna deixada por um texto, que permite ao leitor participar do sistema do texto, agir sobre ele, combinando sentidos. Afirma Iser: “(...) são lacunas que marcam enclaves no texto e demandam serem preenchidos pelo leitor”. (*Idem*, p. 107). “O lugar vazio permite então que o leitor participe da realização dos acontecimentos do texto. Participar não significa (...) que o leitor incorpore as posições manifestadas no texto, mas que aja sobre elas”. (*Idem*, p.157)

O autor ressalta, ainda, sobre os lugares vazios:

Eles designam menos a lacuna na determinação do objeto intencional, ou seja, dos aspectos esquematizados, do que a possibilidade de a representação do leitor ocupar um determinado vazio no sistema do texto. Os lugares vazios indicam que não há a necessidade de complemento, mas sim a necessidade de combinação. Pois só quando os esquemas do texto são relacionados entre si, o objeto imaginário começa a se formar, esta operação deve ser realizada pelo leitor e possui nos lugares vazios um importante estímulo.” (Iser, 1999, p. 126)

Se o leitor deve agir sobre esses lugares vazios do texto e combinar percepções entre o que está dado e o que ele interpreta ou imagina, o que acontece quando um poema é transformado, por exemplo, em um audiovisual que preenche “todos” os espaços com imagens (e sons)?

Tomem-se apenas dois exemplos advindos do *Tear Poético*: os poemas “Na toca”, da escritora portuguesa Maria Alberta Menéres⁴, e o poema “De muito longe”, do autor brasileiro Sérgio Capparelli⁵, cujos textos estão reproduzidos abaixo:

⁴ Originalmente publicado na obra “No coração do Trevo” (Lisboa: Editorial Verbo, 2000) e disponível no “Tear Poético” neste link: https://www.tearpoetico.net/poems/p36_1. Acesso em 19/02/2026.

⁵ De “111 poemas para crianças” (Porto Alegre: L&PM, 2020), disponível no “Tear Poético” em: https://www.tearpoetico.net/poems/p30_1. Acesso em 19/02/2026.

NA TOCA
(Maria Alberta Menéres)

Na toca do velho ouriço
que é um ouriço cacheiro,
está uma caminha feita
para quem chegar primeiro.

Isso é coisa já sabida:
primeiro vou eu chegar!
E nessa caminha feita
depressa me vou deitar.

Se algum dia o velho ouriço
trouxer o filho e o neto,
cabemos aqui todos
debaixo do mesmo tecto!

DE MUITO LONGE
Sérgio Capparelli

Visto aqui da lua
Não há fome nem guerra
Sobre a terra.

Visto aqui da lua
Na aula eu só converso
Se for em verso.

Visto aqui da lua
As abelhas já tiram mel
Das flores de papel.

Visto aqui da lua
Se eu não me engano
Eu te amo.

Visto aqui da lua
A minha mãe adora

.....
Visto aqui da lua
O jabuti, parquinho ali,
Quer
Visto aqui da lua

.....
.....
Visto aqui da lua
.....
.....

No primeiro poema, o personagem “narrador”, o eu lírico, descreve o que há na toca de um ouriço-cacheiro: “uma caminha feita para quem chegar

primeiro”. Diz que ele chegará antes e se deitará nela e que, se um dia o ouriço vier acompanhado da família, todos caberão sob o mesmo teto.

O leitor poderá ler o texto verbal do poema impresso e até não se atentar para o fato de que há um “vazio”: não se sabe quem é o eu lírico. No entanto, no momento de representar visualmente o poema ou de remediá-lo com imagens, estáticas ou em movimento, é que a lacuna fica clara. Seria outro ouriço? Um outro animal? Quem seria esse personagem que chega, e que se mostra/esconde no texto pelas expressões “vou eu chegar”, “me vou deitar”, “caberemos”?

Na página do poema impresso no livro “No coração do trevo” (MENÉRES, 2000, p. 13), a ilustradora, Maria João Lopes, representa o texto com uma árvore com flores ao redor da raiz e um buraco, para onde se dirige um ouriço (fig. 4). O ouriço-cacheiro que chega seria o dono da toca? Ou seria o eu lírico, também, um ouriço? Se o leitor fizer uma leitura conjunta com a imagem que ocupa a mesma página, poderá imaginar que é o visitante e sequer perceberá a lacuna do texto.



Fig. 4 – Capa e página do poema no livro “No coração do trevo”

Na remediação audiovisual feita para o site *Tear Poético* (fig. 5), o personagem visitante é retratado como um elefante, e o que seria um poema lírico acaba por transformar-se num poema *nonsense* (uma vez que um elefante, por menor que fosse, não poderia caber na toca de um cacheiro e que as duas espécies sequer pertencem ao mesmo *habitat*). Observe-se que o leitor da antologia digital acessa sempre o texto verbal escrito primeiro, para depois seguir para a página das remediações. Assim, supõem-se que tenha lido o poema antes de ver a animação (não é garantia, mas é algo que se espera). Acredita-se que apenas quando o leitor vir o elefante é que perceberá o “lugar vazio” que já existia no texto. Ele pensará que a autora do texto imaginou um elefante? Provavelmente não. Talvez ele se surpreenda e passe a pensar em outras possibilidades de personagem para aquele vazio, até porque o texto escrito é oferecido ao leitor uma segunda vez, quando ele clica na flecha e prossegue com a exploração do site. A remediação, assim, não fecha a leitura do texto. Pelo contrário, explicita um vazio que existia no texto original e que o leitor

ainda poderá completar, com sua própria imaginação, a partir do questionamento ou não da opção pelo elefante, feita pelo audiovisual.



Fig. 5 – Frame do vídeo do poema “Na toca” no *Tear Poético*

No caso do poema de Capparelli, “De muito longe”, o “lugar vazio” é muito mais explícito no texto escrito do que no poema de Menéres. O poema do escritor brasileiro, literalmente, deixa espaços para o leitor preencher. Eles são representados por linhas pontilhadas. Seguindo a lógica do texto – concebido em três versos, com rimas entre o segundo e o terceiro versos, o leitor deveria criar uma frase que rimasse com “adora”, na quinta estrofe; um terceiro verso que começasse com a palavra “Quer” e terminasse com uma rima de “ali”, na sexta estrofe; e criar os dois últimos versos rimados entre si, na sétima e na oitava estrofes.

No livro impresso, “111 poemas para crianças” (CAPPARELLI, 2003, p. 25), a imagem que ilustra a página do poema, assinada por Ana Gruszynski, é um desenho simples, em preto e branco, de uma luneta com um coração na lente da frente (fig. 6). É uma imagem genérica, que representa o ato de olhar “de muito longe” e não interfere na interpretação do texto e na clara proposta de completar os versos.

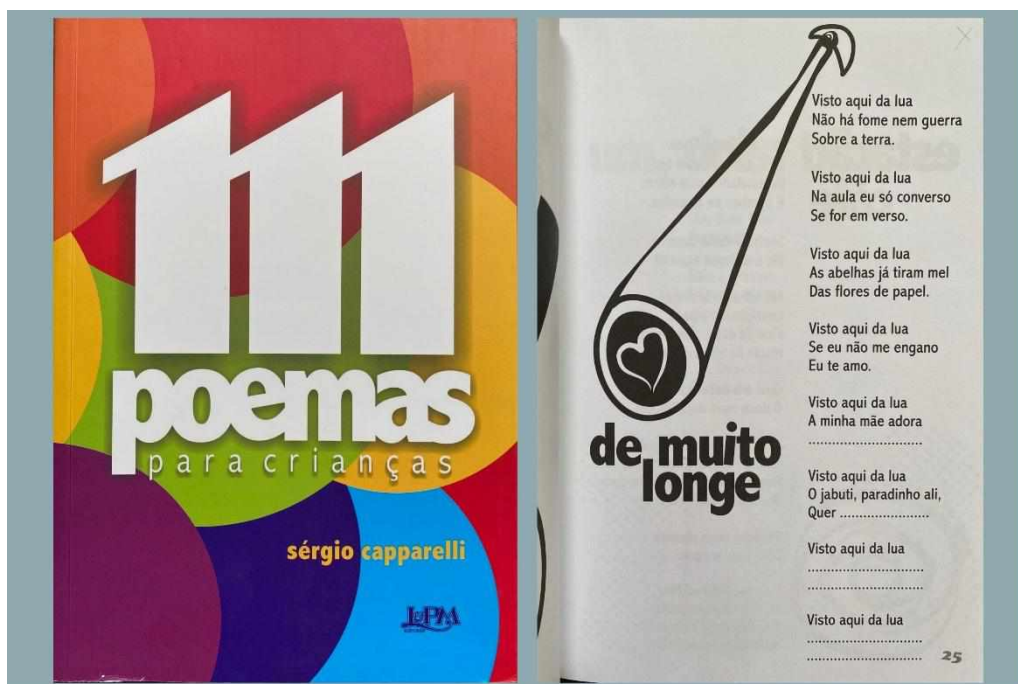


Fig. 6 – Capa e página do poema no livro “111 poemas para crianças”

Na remediação feita para o *Tear Poético* também com uma produção audiovisual, esse vazio é reforçado. Mantêm-se o texto verbal – apresentado de forma sinuosa para acompanhar as curvas da lua (uma fotografia de lua cheia, à frente da qual aparece a imagem de uma criança olhando num grande telescópio) – e mantêm-se também as linhas pontilhadas. Seguindo cada pontilhado, aparece uma tela com opções de frases que se adequam a um novo verso, bem como pontos de interrogação triplos, levantando dúvidas se aquelas frases caberiam mesmo no poema (fig. 7). Ou seja, a remediação dá opções de leitura para o poema, mas não fecha a questão, deixando aberta para o leitor a possibilidade de criação de sua própria rima. Outra remediação disponibilizada, apenas em áudio, também replica aqueles vazios. A música é cantada e, nas partes onde o texto apresentava pontilhados, há apenas uma vocalização em “bocca chiusa”, murmurada.



Fig. 7 – Frame do vídeo do poema “De muito longe” no Tear Poético



Fig. 8 – Frame sequencial do vídeo do poema “De muito longe” no Tear Poético

Nestes dois poemas, e também em vários outros da antologia digital, pode-se perceber a preocupação das remediações com a sugestão, com a surpresa, mas em forma de possibilidades. Não se percebe um fechamento de leitura, mas, ao contrário, um convite à criatividade e à imaginação no ato da interpretação.

O papel do texto verbal escrito é, também, reconhecido e homenageado, à medida que aparece sempre antes das produções multimodais, dando,

de saída, a possibilidade de uma leitura ainda mais livre do que em um livro ilustrado, que apresenta a imagem ao lado do poema. Isso torna o *Tear Poético*, como um todo, um livro aberto à imaginação, uma produção de literatura digital não redutora, que dá espaço para que o leitor entre no sistema dos textos e coopere com a produção de seus sentidos.

Sendo os “lugares vazios” dos textos literários mais ou menos perceptíveis, óbvios ou sutis, fato é que a própria ilustração num livro impresso pode interferir na leitura. Importante teórico da literatura infantil e do livro ilustrado⁶, o canadense Perry Nodelman, numa entrevista concedida ao ilustrador e pesquisador brasileiro Odilon Moraes (NODELMAN; MORAES, 2019), diz que é possível adicionar imagens a uma história previamente existente e “fazer com que funcione”, mas pondera que:

(...) inevitavelmente, será uma experiência diferente – uma história diferente do que a do texto sozinho. Os leitores perdem o prazer que têm quando leem apenas o texto, o prazer de imaginar com suas próprias ideias de como as coisas são, e mesmo o clima ou estado de espírito que as palavras criam, porque agora os ilustradores oferecem informações mais específicas sobre tudo aquilo. Porém, os leitores-observadores ganham o prazer de olhar as figuras e, também, de pensar sobre o que elas estão mostrando que as palavras não contaram e o que as palavras estão dizendo que as imagens não estão ilustrando. (NODELMAN; MORAES, 2019, s/p.)

Concorda-se com Nodelman nesse sentido: ler um texto verbal escrito, sem mediações, e lê-lo em conjunto com as imagens posteriormente produzidas para ele (sejam fixas ou em movimento) são experiências diferentes. No entanto, cada uma tem o seu encanto, e perceber como uma linguagem afeta a outra é também possibilitar que o leitor amplie a sua leitura, perceba o que cada uma acrescenta e até que reflita sobre esse processo.

⁶ Autor da obra clássica “Worlds about pictures” (NODELMAN, 1988).

É esse movimento que se percebe, no *Tear Poético*, uma ferramenta que, espera-se, possa ser amplamente utilizada por crianças e mediadores de leitura de língua portuguesa, em prol de uma experiência estética-literária consistente e da ampliação do repertório poético e da literacia digital de caráter literário.

REFERÊNCIAS

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding new media*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.

CAPPARELLI, Sérgio. *111 poemas para crianças*. Ilustradora: Ana Gruszynski. São Paulo: L&PM Editores, 2020.

CONTE, Jaqueline. *Tear Poético*, 2025. Disponível em www.tearpoetico.net. Acesso em 18/02/2026.

CONTE, Jaqueline. *Tear Poético: a mediação digital na poesia portuguesa e brasileira para crianças*. 2026. 381 p. Tese (Doutoramento em Materialidades da Literatura) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2026.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. V. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

MENÉRES, Maria Alberta. *No coração do trevo*. Ilustradora: Maria João Lopes. Lisboa: Editorial Verbo, 2000.

NODELMAN, Perry; MORAES, Odilon. Perry Nodelman e Odilon Moraes: uma conversa sobre o livro ilustrado. *Lugar de ler*. 2019. Disponível em: <https://www.lugardeler.com/perry-nodelman>. Acesso em: 24 fev. 2026.

NODELMAN, Perry. *Worlds About Pictures*. Athens/London: The University of Georgia Press, 1988.

NOTAS DE AUTORIA

Jaqueline Conte (jqconte@gmail.com): Jornalista e escritora infantojuvenil. Mestranda em Estudos de Linguagens – Linguagem e Tecnologia, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde pesquisa o livro digital interativo para crianças. Também é pós-graduanda em Produção e Gestão Editorial Multiplataforma, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Formada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), já atuou em jornalismo impresso, agências de comunicação e assessorias de órgãos públicos, tendo sido coordenadora de Comunicação do Ministério Público do Paraná por 12 anos. É especialista em Economia Criativa e Colaborativa (ESPM/IBQP); Fotografia (UEL); e Marketing e Publicidade (ISPG).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

CONTE, J. A remediação da poesia para crianças e o “lugar vazio” do texto: uma reflexão a partir da antologia digital tear poético. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 56-75, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 06 de março, 2026.

Aprovado em: 06 de julho, 2026.

Publicado: 04 de setembro, 2026.